

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - UNIFESP
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - EFLCH**

NATHALIA DE SOUZA BARBOSA

**O CONTO “JOÃO E MARIA” PELO VIÉS DO PROGRAMA *CONTA PRA MIM*:
ESTUDO COMPARATIVO**

**GUARULHOS – SP
2021**

NATHALIA DE SOUZA BARBOSA

**O CONTO “JOÃO E MARIA” PELO VIÉS DO PROGRAMA *CONTA PRA MIM*:
ESTUDO COMPARATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para obtenção do grau em Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira

**GUARULHOS – SP
2021**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

BARBOSA, Nathalia de Souza

Análise Comparativa De Um Conto Do Programa Conta Para Mim Com A Versão Mais Próxima Da Original/ Nathalia de Souza Barbosa – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2021

43 f.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira
Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de São Paulo

1. Literatura Infantil. 2. Programa Conta Pra Mim. 3. Análise Comparativa

NATHALIA DE SOUZA BARBOSA

**O CONTO “JOÃO E MARIA” PELO VIÉS DO PROGRAMA *CONTA PRA MIM*:
ESTUDO COMPARATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para obtenção do grau em Licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira

Data da aprovação: 06/03/2021

Orientador: Prof. Dr. Fernando Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal de São Paulo

Avaliadora 1: Prof^ª. Dr^ª. Luciana Ferreira Leal
Universidade Estadual do Paraná

Avaliadora 2: Prof^ª. Dr^ª. Franciele Ruiz Pasquim
Faculdades FACCAT

*À Manuella Barbosa da Silva, a quem desejo as
mais belas experiências literárias.*

RESUMO

O presente trabalho analisa, de forma comparativa, o conto “João e Maria”, em sua versão apresentada pelo Programa *Conta Pra Mim*, do Ministério da Educação, e a versão original desse conto, traduzida por Christine Rohrig e publicada pela Editora Cosac Naify. O objetivo foi o de contribuir para o debate sobre formação de leitores, de modo a compreender como a adaptação do conto “João e Maria”, no programa *Conta pra mim*, apresenta uma visão de criação e de formação de leitores e como ele se aproxima ou se distancia da versão original de “João e Maria”. O programa *Conta pra mim*, lançado pelo MEC em 2019, é um meio de cumprir um dos preceitos da Política Nacional de Alfabetização e tem o objetivo de promover amplamente a Literacia Familiar, destinado a todas as famílias brasileiras, especialmente as que estão em condições de vulnerabilidade social. Para cumprir seu objetivo, o programa lançou uma série de materiais destinados a que as famílias pratiquem a literacia familiar, como meio de promover a alfabetização. A análise do conto se deu na perspectiva da pesquisa documental e bibliográfica, mediante observação dos aspectos que constituem a configuração textual da publicação do conto no âmbito do Programa *Conta pra mim*.

Palavras-Chave: Formação de leitores; Análise comparada; Literacia Familiar; Programa Conta Pra Mim; João e Maria.

ABSTRACT

This paper analyzes, in a comparative way, the tale "John and Mary", in its version presented by the Ministry of Education's Conta Pra Mim program, and the original version of this story, translated by Christine Rohrig and published by Cosac Naify. The objective was to contribute to the debate on reader education, in order to understand how the adaptation of the tale "John and Mary", in the Conta pra mim program, presents a vision of creation and of reader education and how it approaches or distances itself from the original version of "John and Mary". The Conta pra mim program, launched by the MEC in 2019, is a manner of fulfilling one of the precepts of the National Literacy Policy and aims widely promote "Family Literacy", aimed at all Brazilian families, especially those in conditions of social vulnerability. To fulfill its goal, the program has launched a series of materials aimed at families practicing family literacy as a means of promoting literacy. The tale was analyzed from the perspective of documentary and bibliographic research, by observing the aspects that constitute the textual configuration of the publication of the tale in the scope of the Conta pra mim Program.

Keywords: Reader Education; Comparative Analysis; Family Literacy; Conta Pra Mim Program; João e Maria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Níveis de Literacia.....	17
Figura 2 - Imagens da versão para colorir do livro <i>João e Maria</i> , coleção <i>Conta Pra mim</i> ...	22
Figura 3 - Capa do Livro da Coleção Conta Pra Mim.....	25
Figura 4 - Mascote da Coleção e do Programa <i>Conta Pra Mim</i>	26
Figura 5 - Ilustração de João e Maria, Programa Conta Pra mim	29
Figura 6 - Ilustração da Bruxa - João e Maria, Programa Conta Pra mim	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (PNA)	14
1.1 A LITERACIA FAMILIAR	18
1.2 O PROGRAMA <i>CONTA PRA MIM</i>	20
2. O CONTO “JOÃO E MARIA” ADAPTADO AO PROGRAMA <i>CONTA PRA MIM</i> ...	22
2.1 APRESENTAÇÃO DO LIVRO E DAS AUTORAS	22
2.2 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO LIVRO	24
2.3 O CONTO	27
2.4 AS ILUSTRAÇÕES	28
2.5 AS ORIENTAÇÕES DE LITERACIA FAMILIAR	30
3. O CONTO “JOÃO E MARIA” NA VERSÃO DOS IRMÃOS GRIMM.....	32
3.2 JOÃO E MARIA ENTRE AS DUAS VERSÕES: ALGUNS SENTIDOS	37

INTRODUÇÃO

No segundo semestre do ano de 2019, como estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo, escolhi cursar a unidade curricular eletiva “Literatura Infantil e Juvenil Brasileira”, com o professor Fernando Rodrigues de Oliveira. Na ocasião, a escolha por essa unidade curricular se deveu a dois motivos: sempre gostei de livros e, com isso, desenvolvi o hábito constante de leitura durante minha infância e adolescência; e por entender que a prática da leitura literária é essencial na formação de leitores, como mecanismo de humanização e de ampliação de conhecimento.

Então, no decorrer do semestre, com as leituras e debates realizados nas aulas, atestei minha simpatia pelo assunto e pude melhor fundamentar meu entendimento de que a literatura se constitui como algo primordial para o desenvolvimento das crianças no seu processo formativo como leitoras. Por esse motivo e dado meu interesse ainda maior na discussão sobre literatura infantil, decidi enfocar no meu Trabalho de Conclusão de Curso aspectos envolvendo esse gênero literário.

Logo que me interessei em estudar de modo mais aprofundado aspectos da literatura infantil e da formação de leitores do texto literário, o Ministério da Educação, no âmbito da Política Nacional de Alfabetização (PNA), lançou o Programa *Conta Pra Mim*. Centrado no conceito de “Literatura familiar” e voltado à disseminação de contos e textos “clássicos” para leitura pelos pais, esse programa rapidamente tornou-se alvo de críticas na mídia¹, sobretudo sob a acusação de as adaptações descontextualizadas, com forte viés moral e pedagogizante.

Lançado em dezembro de 2019, o Programa *Conta Pra Mim* tem como destinação as famílias brasileiras, com especial prioridade as famílias em condição de vulnerabilidade socioeconômica. (BRASIL, 2019a). Esse programa é um dos “braços” da Política Nacional de Alfabetização, no que tange ao propósito de alfabetização por parte das famílias. Ou seja, o objetivo do programa é orientar, promover e estimular a Literacia Familiar, seguindo os rumos apontados pela Política Nacional de Alfabetização (PNA) que, do mesmo modo, foi elaborada pelo Ministério da Educação (MEC) por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf).

A PNA foi instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, que a descreve como uma política estabelecida com o objetivo de “elevar” a qualidade da alfabetização e “combater”

¹ Como exemplo, tem-se: o artigo “‘Conta pra mim’: o abraço de urso do MEC”, publicado em formato eletrônico pela Revista Cultu; o artigo de opinião “Conta pra mim: caminho para o homeschooling e a desvalorização da literatura infantil brasileira”, publicado no Blog Quindim; e o artigo “Conta outra”, publicado na Revista eletrônica Quadro Cinco Um.

o analfabetismo em todo o território nacional e, para isso, pauta-se nas constatações das Ciências Cognitivas da Leitura que indicam que a aprendizagem da leitura e da escrita não é algo para o qual somos biologicamente programados, portanto não acontece automaticamente devendo ser ensinado de maneira sistemática e explícita. (BRASIL, 2019a)

A PNA também parte de uma defesa da importância da fase pré-escolar na vida das crianças. Conforme se indica em seu próprio documento “A aprendizagem da leitura e da escrita depende em grande parte da bagagem linguística recebida pela criança antes de ingressar no ensino fundamental, nas práticas realizadas em casa ou em outros ambientes.” (BRASIL, 2019b, p.30). Desse modo, para cumprir um dos preceitos da PNA, foi criado o Programa *Conta Pra Mim*, com o objetivo de difundir no país a chamada Literacia Familiar.

Essa noção de Literacia Familiar, conforme se explica no Guia de Literacia Familiar (BRASIL, 2019c), compreende um conjunto de práticas e experiências que as crianças vivenciam com seus pais ou responsáveis: a interação, a conversa, a leitura partilhada etc. Explica-se no Guia de Literacia Familiar (BRASIL, 2019c) que a Literacia Familiar consiste, conforme o documento, num estímulo ao desenvolvimento de quatro habilidades fundamentais: ouvir, falar, ler e escrever por meio de estratégias simples e divertidas (BRASIL, 2019c).

Portanto, em suma, o Ministério da Educação, ao desconsiderar todo o debate acadêmico existente sobre alfabetização, letramento e formação de leitores acumulado nas últimas décadas, instituiu via decreto uma Política Nacional de Alfabetização, que consigo estabeleceu um programa de difusão e incentivo à leitura literária no contexto familiar.

Em vista do exposto e das tensões e contradições envolvidas com esse programa, optei por buscar melhor compreendê-lo nas suas características, de modo que optei por centrar meu TCC na investigação sobre a proposta de formação de leitores do texto literário pelo Programa *Contra pra mim*.

Em vista disso, formulei como problema investigativo para o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso a seguinte questão: Como se constitui a proposta de formação de leitores do texto literário no âmbito do Programa *Conta pra mim*?

Mediante esse problema investigativo, optei pela pesquisa bibliográfica, centrada na análise de um dos contos publicados pelo Programa *Conta Para mim*, de modo a realizar análise comparativa com outra edição do mesmo conto, decorrente da tradução da versão original.

Para tanto, selecionei como conto a ser analisado a versão de “João e Maria, adaptado por Rosana Mont’Alvernee para o Programa *Conta Pra Mim*. Para o estudo comparativo, optei pelo conto na versão de Wilhelm e Jacob Grimm, traduzido para o português por Christine Röhrig e publicado pela editora Cosac Naify.

A opção pelo conto “João e Maria” decorreu do fato de esta história ter sido muito citada nos questionamentos gerados sobre as adaptações feita pelo Programa *Conta pra mim*, demonstrando que as mudanças deste conto em relação a versão original são bastante contundentes.

Em face dessa delimitação, estabeleci como objetivos da pesquisa:

- Contribuir para o debate sobre formação de leitores;
- Compreender como a adaptação do conto “João e Maria”, no programa *Conta para mim*, apresenta uma visão de criança e de formação de leitores;
- Identificar semelhanças e diferenças do conto adaptado para a sua versão original traduzida para o português; e
- Contribuir para pesquisas correlatas.

Para Rocha (2018), as histórias em geral têm um papel importante em nossas vidas desde que começaram a ser contadas, seja qual for o objetivo: para explicar algo, manter tradições ou apenas entreter. O autor, baseado em Boyd, enfatiza, ainda, que uma vez que a história derive da tradição oral, é natural que mude conforme seja contada, visto que faz parte da natureza humana adaptar histórias. (ROCHA, 2018)

O tipo de narrativa que conhecemos como Contos de fadas, segundo Rocha (2018), é derivado desta tradição oral e foi reconhecido como gênero literário ainda no século XVII, na França, tendo passado por uma série de modificações e apropriações desde então até os dias atuais, sempre moldado conforme as ideologias da época e/ou lugar que é publicado. Assim, o autor afirma que os contos de fadas podem assumir diversas funções e isso dependerá do contexto em que estão inseridos. (ROCHA, 2018)

Além disso, cada um dos livros publicados pelo programa traz a sugestão e orientações de uma das práticas de Literacia Familiar previamente apresentadas no Guia de Literacia Familiar. Desse modo, o livro *João e Maria* traz orientações sobre a prática Leitura Dialogada que é uma das principais práticas da proposta de Literacia Familiar vinculada ao Programa *Conta pra mim*, que consiste na conversa entre o adulto e a criança antes, durante e depois da leitura em voz alta.

Isto posto, para a análise comparativa dos contos, coerentemente com a abordagem documental e bibliográfica adotada, utilizei como método de análise o conceito de configuração textual, tal como proposto por Mortatti (2000), que consiste na análise do:

[...] conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (MORTATTI, 2000, p.31).

Dessa forma, esse TCC ficou assim organizado:

No Capítulo 1, apresento aspectos da Política Nacional de Alfabetização e os pressupostos teóricos da Literacia Familiar, que dá base ao Programa *Conta pra mim*.

No Capítulo 2, apresento análise de alguns aspectos da configuração textual da versão adaptada de “João e Maria” para esse programa.

No capítulo 3, apresento análise do conto “João e Maria” na versão de Wilhelm e Jacob Grimm, traduzido para o português por Christine Röhrig. A partir disso, problematizo alguns dos sentidos das diferenças entre essas duas versões.

1. A POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (PNA)

Em abril de 2019, o Ministério da Educação, por meio do Decreto nº 9.765, instituiu a Política Nacional de Alfabetização para estimular programas e ações voltados à alfabetização com base nas constatações científicas mais recentes. (BRASIL, 2019a)

A partir disto, no dia 15 de agosto de 2019, foi lançado o caderno da PNA, “um guia explicativo que detalha a política [...] destinado a estados e municípios, pais e responsáveis, bem como estudantes da educação de jovens e adultos” (PERA, 2019), essa é a principal fonte bibliográfica utilizada neste capítulo.

Com a implantação da Política Nacional de Alfabetização, foram lançados, até o momento, dois programas diretamente vinculados aos objetivos da PNA: *Tempo de aprender*, para professores e gestores educacionais, e *Conta pra mim*, para pais e responsáveis. (BRASIL, 2019d)

No caderno da PNA, o MEC traz dados de resultados das últimas avaliações indicativas sobre a alfabetização, interpretando os dados como indicativos de que as práticas de alfabetização utilizadas no país são insatisfatórias e carecem de base “científica”. Foram considerados a Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), o Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e, para apurar os resultados entre os jovens e adultos, além dos dados do IBGE. A PNA também levou em consideração o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), que fornece definições mais precisas, segundo a própria PNA, e se baseia em teste cognitivo e questionário contextual.

A partir desses indicadores, defende-se na Política Nacional de Alfabetização que os resultados recentes sobre leitura e escrita não adequados ou dentro das expectativas, o que demandaria um esforço para melhorar os processos de alfabetização no Brasil. Em vista disso, explica-se nesse documento que foi formado um grupo de trabalho, que analisou a situação do país no que diz respeito à alfabetização por meio de audiências com agentes da sociedade envolvidos com a educação e que analisou experiências positivas de políticas públicas relacionadas à educação, formuladas com base em evidências científicas no Brasil e no mundo. Esse grupo de trabalho foi composto por representantes da Secretaria de Alfabetização (Sealf), da Secretaria de Educação Básica (SEB), da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (Semesp), da Secretaria Executiva (SE), do Gabinete do Ministro, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira” (Inep), da Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Nessa lógica, conforme se argumenta no caderno da Política Nacional de Alfabetização (2019b), essas medidas seriam uma consequência da percepção de imediata necessidade de mudanças no que diz respeito às políticas públicas relacionadas à alfabetização.

Desse modo, na PNA alega-se que as constatações recentes das ciências cognitivas da leitura demonstram alguns aspectos importantes do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, de modo que essa perspectiva conceitual é assinada como a única científica e eficaz no que tange aos preceitos almejados pela PNA.

Junto a isso, a PNA estabelece seis componentes essenciais para a alfabetização, baseados no estudo de documentos e relatórios de políticas públicas voltadas à alfabetização juntamente às constatações científicas mais recentes. (BRASIL, 2019b)

Estes seis componentes são: consciência Fonêmica, entendida na PNA como o que conduz à compreensão de como é composta uma palavra; Instrução Fônica Sistemática, que permite aprender a relação entre as letras e os sons; Fluência em Leitura Oral, explicitada como o que possibilita a ativação da memória do leitor, permitindo com que o processo de leitura seja menos árduo e o cérebro tenha mais disponibilidade para compreender o que está sendo lido; Desenvolvimento de Vocabulário, pois entende-se quanto maior for o número de palavras conhecidas pelo leitor, menor é sua possibilidade de não compreender o que está lendo; Compreensão dos Textos, definida como o propósito da leitura e processo independente em relação ao da decodificação; e por fim, a Produção da Escrita, tanto de palavras quanto de textos, que consolida a alfabetização e segue no avanço na literacia. (BRASIL, 2019b)

Conforme se explica nos pressupostos teórico-metodológicos da PNA, a apropriação de todos esses aspectos é necessário para a efetiva aprendizagem da leitura e da escrita tal. No entanto, eles não são espontâneos ou naturais. não é natural e espontânea. Daí, a proposição na PNA do ensino explícito e sistemático desses seis componentes da alfabetização, sob a lógica das ciências cognitivas ou, de modo mais simples, pelo método fônico.

Tendo em vista essa defesa, estabelece-se na PNA que é no Ensino Fundamental que a alfabetização se inicia formalmente, porém, na Educação Infantil a criança já deve adquirir certas habilidades e competências relacionadas à leitura e à escrita. Defende-se que na fase pré-escolar a criança já deve ser exposta às condições mínimas que serão o alicerce e lhe garantirão êxito no processo de alfabetização, tal como defendido pela PNA.

O processo de alfabetização, portanto, começa antes do 1º ano do Ensino Fundamental, momento em que se inicia seu ensino formal. No caderno da PNA está declarado que “A

aprendizagem da leitura e da escrita depende em grande parte da bagagem linguística recebida pela criança antes de ingressar no ensino fundamental, nas práticas realizadas em casa ou em outros ambientes. ” (BRASIL, 2019b, p. 30)

Cumprido destacar que a PNA não se limita às crianças em seus preceitos. Nela, discute-se também o caso do ensino de jovens e adultos, enfatizando a necessidade de as proposições dessa política levarem em conta as especificidades desta modalidade de ensino (BRASIL, 2019b)

Diante disso, a PNA afirma que

A palavra alfabetização é muitas vezes usada de modo impreciso, resultando confusão pedagógica e didática, dificuldade de diálogo entre as pessoas envolvidas na educação, além de desconhecimento para os pais, que muitas vezes acreditam que seus filhos foram alfabetizados, quando, na verdade, mal sabem ler palavras. A PNA, com base na ciência cognitiva da leitura, define **alfabetização** como o ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético. (BRASIL, 2019b)

A partir disso, na PNA defende-se que o termo “literacia” é mais apropriado para definir as intenções dessa política, pois “alfabetização” limita-se ao ensino e aprendizagem de uma representação gráfica de determinados sons, já a literacia consiste no ensino e aprendizagem das habilidades de leitura e escrita, independentemente do sistema de escrita. (BRASIL, 2019b)

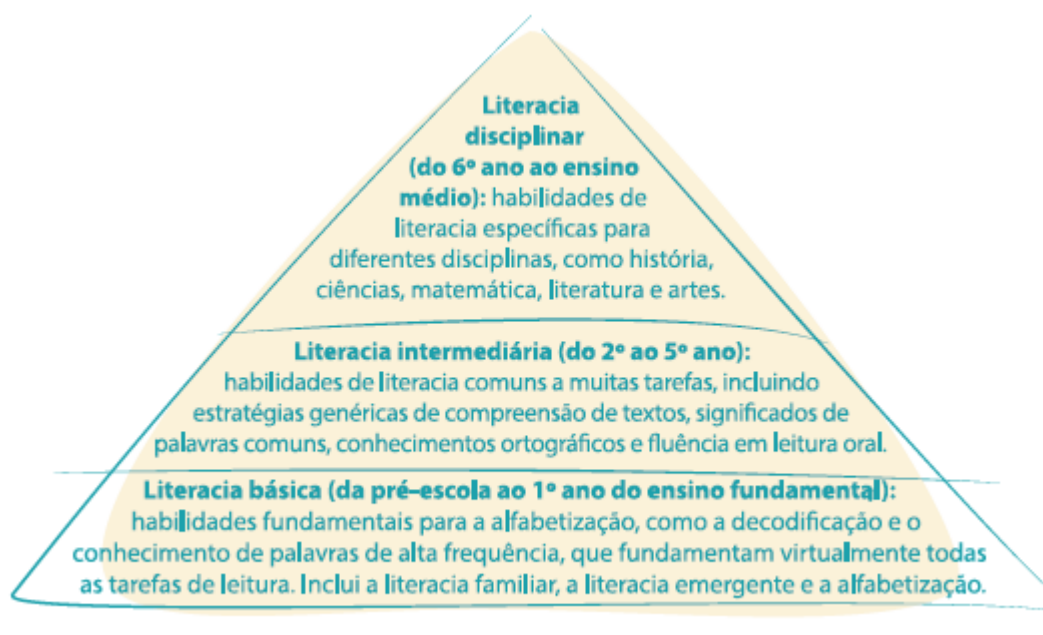
Na PNA, o termo “literacia” é apresentado como a tradução de *literacy*. No entanto, o termo *literacy* já vem sendo difundido no Brasil desde a década de 1980, como “letramento”, cujo entendimento está associado à “[...] imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita”. (KLEIMAN, 2005)

Nesse sentido, verifica-se que o termo “letramento” é substituído na PNA por “literacia”, sem menção a qualquer justificativa. Em verdade, o termo “literacia” é apresentado como novidade ou inovação, desconsiderando que seu uso já se dava em Portugal, em alguns sentidos muito próximo ao do uso do termo “letramento” no Brasil:

Literacia é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados à leitura e à escrita, bem como sua prática produtiva. Pode compreender vários níveis: desde o mais básico, como o da literacia emergente, até o mais avançado, em que a pessoa que já é capaz de ler e escrever faz uso produtivo, eficiente e frequente dessas capacidades, empregando-as na aquisição, na transmissão e, por vezes, na produção do conhecimento (MORAIS, 2014 apud BRASIL, 2019b, p.21).

No que se refere à proposição dos “vários níveis” de literacia, no caderno de orientação da PNA é apresentada uma pirâmide, com a função de explicitar o desenvolvimento das capacidades e habilidades leitoras.

Figura 1 - Níveis de Literacia



Fonte: Caderno Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019b)

Como se verifica na figura 1, a perspectiva da literacia se apresenta em três níveis: a literacia básica, que está na base e compreende a fase da pré-escola ao 1º ano do ensino fundamental; a literacia intermediária, que acontece do 2º ao 5º ano; e literacia disciplinar, que vai do 6º ano ao ensino médio, compreendendo as habilidades de literacia específicas para cada disciplina.

A literacia familiar, foco do programa *Conta pra mim*, está inclusa na base da pirâmide, a fim de demonstrar que, para a PNA, esta faz parte da formação inicial das habilidades que formarão o leitor.

A comparar com uma planta, as habilidades adquiridas pela criança antes da alfabetização seriam como as raízes que lhe favorecem o crescimento, ao passo que a fluência em leitura oral, a compreensão de textos, a escrita conforme as regras ortográficas e com boa caligrafia seriam o seu florescimento. As raízes, nesse caso, formam-se na família e na pré-escola (CUNNINGHAM; ZIBULSKY, 2014 apud BRASIL, 2019b, p. 22)

Além da leitura e da escrita, a PNA considera também a habilidade de realizar operações matemáticas no processo de escolarização. Nesse sentido, o caderno da PNA apresenta, ainda, a literacia numérica, popularmente chamada de numeracia, referindo-se às habilidades matemáticas, como resolução de problemas na vida cotidiana e capacidade de lidar com informações matemáticas.

1.1 A LITERACIA FAMILIAR

Literacia Familiar, conforme estabelece a PNA, é o conjunto de práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita que as crianças vivenciam em seu ambiente familiar com seus pais e/ou responsáveis, antes mesmo de ingressarem no ensino formal e isso está fortemente vinculado ao seu êxito na aprendizagem da leitura e da escrita. (BRASIL, 2019c)

Uma das práticas que têm maior impacto no futuro escolar da criança é a leitura partilhada de histórias, ou leitura em voz alta feita pelo adulto para a criança; essa prática amplia o vocabulário, desenvolve a compreensão da linguagem oral, introduz padrões morfosintáticos, desperta a imaginação, incute o gosto pela leitura e estreita o vínculo familiar (CARPENTIERI et al., 2011 apud BRASIL, 2019b, p. 23).

Conforme explica-se no caderno da PNA, além da leitura partilhada ou leitura em voz alta, existem diversas outras práticas que fazem parte da Literacia Familiar, como a interação verbal, que consiste no hábito de dialogar mais enfaticamente com as crianças; a leitura dialogada, que envolve interação e comentários durante a leitura para a criança; contatos com a escrita; manuseio de lápis e giz, para as primeiras tentativas de escrita; jogos com letras etc.

Para divulgar os conceitos relacionados à Literacia Familiar, o MEC, por meio do Programa *Conta pra mim*, lançou uma série de materiais de orientação às famílias, dentre os quais está o *Guia de Literacia Familiar* (2019c). O guia é um documento com “explicações acessíveis sobre o que é a Literacia Familiar, qual a sua importância e como colocá-la em prática no dia a dia.” (BRASIL, 2019c).

Os livros publicados no âmbito do Programa têm em sua terceira capa a apresentação resumida – já que todas têm sua descrição completa no Guia de Literacia Familiar – de alguma dessas práticas, que funciona como uma sugestão para aquela leitura, além de reforçar os conhecimentos do público sobre as práticas. Em *João e Maria*, livro analisado neste trabalho, a prática apresentada é a Leitura Dialogada.

Essa prática é assim definida no *Guia de Literacia Familiar* (2019c): “Uma das principais práticas de Literacia Familiar é a Leitura Dialogada, que consiste na conversa entre adultos e crianças antes, durante e depois da leitura em voz alta.” (BRASIL, 2019c, p. 35). Portanto, o *Guia de Literacia Familiar* considera que esse tipo de leitura permite constantes perguntas e respostas entre o leitor e o ouvinte, no caso o adulto e a criança, respectivamente. Essa prática, segundo o Guia, contribui para fortalecer os laços afetivos entre os familiares e a criança, além

de favorecer o desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos facilitadores do processo de alfabetização, quando praticada na primeira infância e quando praticadas com crianças maiores reforça conhecimentos e habilidades já adquiridos (BRASIL, 2019c). Além disso, argumenta-se o Guia que essa prática estimula o desenvolvimento da linguagem e o gosto pela leitura, ajudando a promover uma atitude positiva em relação à leitura (BRASIL, 2019c).

No *Guia de Literacia Familiar* (BRASIL, 2019c) afirma-se que suas práticas de literacia podem ser iniciadas ainda na gestação e se estender até o final da adolescência. Nas orientações sobre a PNA, afirma, ainda, que as práticas de Literacia Familiar são importantes especialmente na fase pré-escolar, mas devem continuar durante todo o processo de aprendizagem da criança, sendo esta estimulada e auxiliada pela família enquanto avança nos níveis de literacia.

Logo, diante das constatações das ciências cognitivas sobre o ensino da leitura, de que a sua aprendizagem não é algo que acontecerá espontaneamente, cabe aos responsáveis do campo da educação considerar todas as práticas que farão com que esse ensino efetivo aconteça. Sendo, então, uma dessas constatações a de que antes mesmo do ensino formal da leitura e da escrita, a criança já pode e deve formar as raízes que farão com que esses aprendizados floresçam, o reconhecimento da importância da literacia familiar é posto neste documento, demonstrando o quão importante pode ser o papel da família no processo de aprendizagem da criança.

O *Guia de Literacia Familiar* (BRASIL, 2019c) lançado como um dos materiais do Programa *Conta Pra Mim* afirma, ainda no prefácio, que:

As ações no seio familiar são mais importantes para o sucesso escolar do que a renda ou a escolaridade da família. Isso é válido para crianças de diferentes etapas da educação básica, quer sua família seja rica ou pobre, quer seus pais tenham ou não terminado o ensino médio. (p. 8)

Baseado nas informações apresentadas, o Ministério da Educação, por meio do *Guia de Literacia Familiar* (Brasil, 2019c) pressupõe que as práticas de Literacia Familiar são efetivas e possíveis para todas as famílias, considerando que não exigem grandes recursos e são atos cotidianos.

1.2 O PROGRAMA *CONTA PRA MIM*

Como mencionei na introdução, o Programa *Conta Pra Mim* foi criado pelo Ministério da Educação (MEC) em decorrência do que estabelece a Política Nacional de Alfabetização (PNA), efetivando o disposto em seu art. 8º, que declara que a implementação dessa Política deveria se dar por meio de programas, ações e instrumentos, em especial o parágrafo IV, de modo a promover práticas de literacia familiar por meio de programas responsáveis pela efetivação da PNA. Além disso, conforme consta na Portaria nº 421, de 23 de abril de 2020, o programa efetiva também dispostos da Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016, sobre as políticas públicas para a primeira infância.

O objetivo do *Conta Pra Mim* é orientar, estimular e promover práticas de literacia familiar em todo o território nacional, ou seja, a ampla promoção da Literacia Familiar no país, acreditando – com base nas constatações das ciências cognitivas da leitura – que a aprendizagem da linguagem, seja em sua forma oral, na leitura ou na escrita, começa em casa, por meios das práticas habituais das famílias. (BRASIL, 2019c)

O programa foi lançado em dezembro de 2019, pela recém-criada Secretaria de Alfabetização do Ministério da Educação, é disciplinado pela Portaria MEC nº 421, de 23 de abril de 2020, tendo como público alvo todas as famílias do país, sendo que aquelas em condição de vulnerabilidade socioeconômica têm prioridade. (BRASIL, 2020a)

Considerando os conceitos de literacia, numeracia, literacia familiar e literacia emergente, o Programa o *Conta Pra Mim*, segundo a Portaria MEC nº 421, tem como pressuposto a família como a protagonista do sucesso educacional das crianças. Desse modo, incentiva o trabalho voluntário para a realização de atividades ou projetos voltados à promoção da literacia familiar, acredita na integração e cooperação entre sociedade civil, escolas, redes educacionais e todas as esferas governamentais com vistas ao sucesso de iniciativas relativas à literacia familiar e fundamenta-se em evidências científicas, bem como em experiências nacionais e internacionais com resultados positivos. (BRASIL, 2020a)

O programa objetiva também conscientizar a sociedade brasileira sobre a importância da leitura no ambiente familiar, oferecer orientações referente sobre como as famílias podem estabelecer as práticas de literacia familiar, incentivar o hábito de leitura, encorajar os pais a participarem da vida escolar dos filhos, contribuir com a aprendizagem de literacia e de numeracia no decorrer de toda a trajetória educacional, considerando as especificidades de cada fase estimular a promoção e a divulgação das práticas de literacia familiar em escolas e sistemas de ensino e incentivar a divulgação de informações sobre o tema. (BRASIL, 2020a)

Em face do exposto, a primeira ação compreendida no Programa *Conta pra mim* foi a produção e divulgação de material em *site* vinculado ao da PNA, de modo que esse material é o que deve ser utilizado para se promover a literacia familiar. Esse material compreende vídeos, *podcasts* e *ebooks*. Além dos materiais, o site do Programa contém informações sobre o programa, sobre o conceito de Literacia Familiar, bem como indicação de práticas para efetivar proposições do programa.

No *site*, o guia de materiais apresenta, em primeiro lugar, uma série com quarenta vídeos explicativos sobre o programa, as informações dos vídeos são as mesmas do *Guia de Literacia Familiar*. Há também o guia em formato PDF e marcadores de páginas, que podem ser baixados e impressos.

O material do Programa também conta um tipo de coleção denominada “Era uma vez”, constituída por uma *playlist* de *podcasts* que também estão disponibilizados nas principais plataformas de áudio² utilizadas pela população. Esses *podcasts* são “histórias infantis e contos de fadas narrados para que os pais ouçam muitas vezes com seus filhos” (BRASIL, 2020a).

O Programa também apresenta como parte de seu material a seção “Canta pra mim”, que contém vídeos do cantor Toquinho interpretando cantigas populares. Os vídeos têm versão em libras e as partituras das canções também estão disponíveis. Também nesse formato audiovisual há a seção “Fábulas de Monteiro Lobato narradas por Toquinho”, composta por vídeos do cantor lendo fábulas de Lobato. Para esses vídeos também há versão em libras.

Por fim, o Programa conta com a “Coleção de Livros Conta Pra Mim”, na qual estão todos os *e-books* disponibilizados pelo programa. Ao todo, são 48 livros, divididos nas seguintes categorias: “ficção”, que compreende livros contendo contos de fada, fábulas e contos tradicionais brasileiros; “poesia”, que compreende poemas, cantigas, trava-línguas, quadrinhas e parlendas; livros “somente com imagens”, que compreende narrativas compostas apenas a partir de imagens; “livros para bebês”, que compreende livros de imagens e palavras representando nomes, qualidades e ações; e “livros informativos”, que compreende livros sobre informações relativas a diversos aspectos do mundo.

Esses livros se apresentam em três formatos: PDF para baixar e imprimir, PDF para leitura em tela e PDF para baixar, imprimir e colorir.

² Spotify, Soundcloud e Deezer

2. O CONTO “JOÃO E MARIA” ADAPTADO AO PROGRAMA *CONTA PRA MIM*

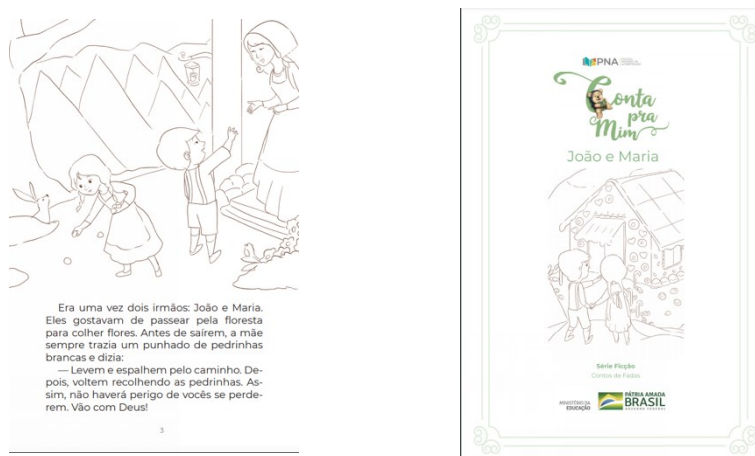
2.1 APRESENTAÇÃO DO LIVRO E DAS AUTORAS

O conto *João e Maria*, publicado em formato de livro digital (*ebook*) pelo Programa *Conta Pra Mim*, integra o conjunto de livros denominados “Ficção” e é classificado como “Conto de Fadas”.

A publicação desse livro se deu em 2020, pelo Ministério da Educação (MEC), em cooperação com a Editora Cora e com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Projeto 914BRZ1074 - 914BRZ1074.3 sob o contrato ED00217/2020.

O livro pode ser acessado em formato digital (*ebook*), em versão para ler na tela, em versão para imprimir e em versão para colorir. Em todas essas versões, não há alteração de conteúdo ou qualquer tipo de diferença. Apenas na versão para colorir as ilustrações se apresentam em branco, apenas com os traços e linhas dos desenhos originais.

Figura 2 - Imagens da versão para colorir do livro *João e Maria*, coleção *Conta Pra mim*



Fonte: Coleção *Conta Pra Mim* (BRASIL, 2020b)

A versão adaptada do conto “João e Maria” para o Programa *Conta pra mim* é de obra e de autoria de Rosana Mont’Alverne, membro da Arcádia Academia de Letras, com assento na cadeira nº 11, cujo patrono é o escritor João Guimarães Rosa. (CLUBE LEITURA, 20--)

Nascida em Três Corações, cidade do Sul de Minas Gerais, Rosana Mont'alverne vive em Belo Horizonte desde os três anos de idade, cidade da qual tornou-se cidadã honorária. É Bacharela em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em educação pela mesma instituição, além de especialista em Arte-Educação: da palavra oral à escrita, pela PUC-MG, e tem formação em Língua e Civilização Francesa pela Universidade Sorbonne – Paris – FRANÇA. (CLUBE LEITURA, 20--)

Rosana Mont'alverne é sócia-fundadora do Instituto Cultural Aletria (2005), que nasceu com a proposta de produzir e desenvolver projetos culturais com foco na literatura oral e escrita. É editora-chefe da Aletria, que é especializada em literatura infantil e juvenil. (CLUBE LEITURA, 20--?)

Embora formada em Direito, Rosana Mont'alverne atua como contadora de histórias, como escritora e como professora dos cursos de formação de narradores e mediadores de leitura. Em função disso, apresenta uma vasta atuação no campo da promoção da leitura, como: é diretora da Liga Brasileira de Editoras (LIBRE) desde 2018; foi Presidente da Câmara Mineira do Livro por 2 mandatos (2014 a 2018); é Coordenadora-Geral do PLLLB MG – Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas de Minas Gerais, como representante da sociedade civil, eleita em abril de 2016; foi Conselheira Titular do CONSEEC – Conselho Estadual de Política Cultural de Minas Gerais, eleita como representante do segmento Livro, Leitura e Literatura para o biênio janeiro de 2017 a dezembro de 2018; e é membro do CCPC – Conselho de Criminologia e Política Criminal do Estado de Minas Gerais desde janeiro de 2016. (CLUBE LEITURA, 20--?)

Com relação à produção de livros, Rosana Mont'alverne é autora e coautora de diversos livros infantis, com participação na Coletânea Presente, voltada à publicação de contos comentados de autores clássicos brasileiros, como, Machado de Assis (2008), Júlia Lopes de Almeida (2009), Lima Barreto (2010), entre outros. (CLUBE LEITURA, 20--?)

O livro conta com ilustração de tendo como ilustradora Vanessa Alexandre, autora e ilustradora infantil que já teve livros publicados em países, como, México e Moçambique, além de trabalhos adquiridos por programas de governo brasileiro. A ilustradora estudou Marketing, nasceu e vive em São Paulo, capital. Atua há mais de 12 anos no mercado editorial como autora e ilustradora infanto-juvenil para editoras no Brasil, Portugal, Estados Unidos e Reino Unido, além de ilustrar materiais didáticos e desenvolver conteúdo para campanhas publicitárias.

Participante de exposições como “Batom, Lápis e Humor”, pelo Salão Internacional do Humor de Piracicaba, artista selecionada para as exposições Cow Parade e Football Parade,

Vanessa Alexandre trabalha também na realização de oficinas literárias e atividades sobre ilustração em escolas por todo o Brasil.

Vanessa Alexandre tem em sua trajetória mais de cinquenta livros ilustrados e mais de vinte como autora e ilustradora, além de materiais didáticos e publicitários. É membro da Sociedade de Autores e Ilustradores de Livros Infantis (SCBWI, sigla em inglês), da Sociedade de Ilustradores Brasileiros (SIB) e da childrensillustrators.com. Seus livros "O dia em que encontrei meu amigo", "A pequena vendedora de fósforos e outros contos", e "O menino que colecionava chuva" já foram selecionados para aquisição no Programa Minha Biblioteca SP, Secretaria de Cultura de Fortaleza e PNBE (Programa Nacional Biblioteca Escolar). Atualmente dedica-se à produção de um selo editorial inclusivo.

João e Maria, assim como os demais livros do Programa foram produzidos sob edição de Marismar Borém, direção geral e curadoria de Wiliam Ferreira da Cunha e revisão de texto de Felipe Salomão Cardoso e Adriana Araújo Figueiredo.

A supervisão técnica e de conteúdo foi feita por Carlos Francisco de Paula Nadalim, atual secretário de alfabetização, que é formado em Direito, com especialização em Filosofia e mestrado em Educação e defende o método fônico e o ensino domiciliar. (DUNDER, 2020)

2.2 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

Com relação à estrutura e formato do livro, ele apresenta 14 páginas, sendo todas ilustradas, com texto verbal curto na parte inferior das páginas. Na capa, há a identificação de que se trata de um livro vinculado ao Programa “Conta Pra mim”, da Política Nacional de Alfabetização. Constan na capa o logo desse programa e dessa política de forma destacada. Seguido a esses logos, consta o título do livro, com uma ilustração que representa os protagonistas do conto: João e Maria em frente a casa de doces. Também consta na capa a indicação da série a que o livro corresponde – Ficções – e gênero literário – Contos de fadas.

Figura 3 - Capa do Livro da Coleção Conta Pra Mim



Fonte: Coleção *Conta Pra Mim* (BRASIL, 2020b)

Na folha de rosto, há um pequeno texto de apresentação que explicita ser a Coleção *Conta Pra Mim* “[...] dedicada à família — mães, pais, filhas, filhos, avós, avôs [...]” (BRASIL, 2020b, s.p.), de modo que o conto específico do livro possibilita um “mergulho” no “mundo mágico” dos contos de fadas. Conforme se defende nesse pequeno texto de apresentação, os contos de fadas são entendidos nesse Programa como:

[...] uma ótima forma de estimular a imaginação da criança, ao apresentá-la a um universo em que a coragem, a solidariedade e o perdão são as grandes armas dos heróis. Viajar por esse universo na companhia da família será com certeza uma experiência que vocês guardarão por toda a vida. (BRASIL, 2020b, s.p.).

Abaixo desse texto, na parte inferior da página, contas, na lateral esquerda um quadro com informações sobre autoria, ilustração, edição, editoração e direitos de uso, e, na lateral direita, a ficha catalográfica do livro.

Ainda na folha de rosto, de forma destacada na parte central, acompanhando o texto de apresentação, há imagem da mascote da Coleção e do Programa *Conta pra mim*, que representa um urso leitor.

Figura 4 - Mascote da Coleção e do Programa *Conta Pra Mim*



Fonte: Coleção Conta Pra Mim (BRASIL, 2020b)

Após a folha de rosto, inicia-se o conto em si, o qual está disposto em 12 páginas. As ilustrações ocupam toda a página e o texto verbal, escrito em um ou dois parágrafos, ocupa o rodapé da página.

Figura 4 – Página do livro *João e Maria*, Programa *Conta Pra mim*



Era uma vez dois irmãos: João e Maria. Eles gostavam de passear pela floresta para colher flores. Antes de saírem, a mãe sempre trazia um punhado de pedrinhas brancas e dizia:
— Levem e espalhem pelo caminho. Depois, voltem recolhendo as pedrinhas. Assim, não haverá perigo de vocês se perderem. Vão com Deus!

Fonte: Coleção Conta Pra Mim (BRASIL, 2020b)

2.3 O CONTO

Narrado por um narrador heterodiegético, onisciente e onipresente, com alguns discursos diretos, o conto “João e Maria” apresenta como protagonistas os irmãos que dão nome ao conto. A antagonista é a bruxa, que não é nominada no conto. Além desses personagens, há a mãe de João e Maria, também não nominada. O espaço da narrativa é uma floresta, onde se situa a cada dos protagonistas e a casa da bruxa.

“João e Maria” na versão adaptada por Rosana Mont’Alverne se inicia com o clássico jargão das histórias infantis: *Era uma vez...*

O conto narra a história de João e Maria, duas crianças que se perdem na floresta e acabam presos por uma bruxa. Como apresenta o narrador, os irmãos gostavam de passear na floresta. Para não se perderem, a mãe sempre lhes dava pedrinhas brancas para deixar pelo caminho, assim saberiam como voltar.

- Levem e espalhem pelo caminho. Depois, voltem recolhendo as pedrinhas. Assim, não haverá perigo de se perderem. Vão com Deus. (BRASIL, 2020b, p. 3).

No entanto, numa manhã, a mãe não encontrou as pedrinhas para entregar aos filhos, por isso deu-lhes miolo de pão, para que pudessem demarcar o caminho de volta. Assim, as crianças foram felizes pelo caminho, deixando as bolinhas de pão.

Após saíram para o passeio, no momento em que decidiram voltar, João e Maria perceberam que as bolinhas de pão haviam sumido, o que os impediam de encontrar o caminho de casa.

Como isso pode ter acontecido? De repente, avistaram um pássaro carregando no bico um miolinho de pão. Neste momento, os dois perceberam que estavam perdidos... (BRASIL, 2020b, p.4)

Assim, as crianças passaram o dia caminhando pela floresta até que avistaram uma casinha toda feita de doces. João e Maria pararam para comer e, enquanto comiam, ouviram alguém perguntar, com voz rouca e arrepiante, quem estava a comer sua casa, com voz rouca e arrepiante. As crianças se assustaram, mas logo foram acolhidas pela velha.

João e Maria tomaram um susto! E a velha disse:
- Entrem, entrem, lindas crianças! Vou alimentar e aquecer vocês! (BRASIL, 2020b, p.8)

A velha, porém, era uma bruxa que gostava de devorar crianças. Assim, Maria teve que trabalhar na casa e João foi preso numa gaiola para ser alimentado até engordar.

O plano da bruxa era engordar João e comê-lo primeiro. (BRASIL, 2020b, p.9)

A bruxa não enxergava muito bem, então todos os dias pedia que João estendesse um dedo para verificar se estava engordando. João, porém, estendia um pequeno osso de galinha e a velha se enfurecia ao perceber que o menino não estava engordando.

Entretanto, João estendia um pequeno osso de galinha, e a bruxa ficava furiosa ao sentir que o menino não engordava. (BRASIL, 2020b, p.10)

Passado um mês, a velha decidiu que assaria o menino de qualquer jeito e quando se abaixou para ver o forno, Maria a empurrou, trancou a porta do forno e correu para libertar o irmão. Apesar dos gritos da bruxa, as crianças só queriam se salvar e ao saírem da casa, avistaram um enorme baú com um tesouro. Encheram dois sacos com o tesouro encontrado e correram floresta adentro.

Em casa, seus pais rezavam e choravam pelos filhos perdidos, quando as crianças chegaram.

Ao entardecer, João e Maria chegaram cansados, mas felizes, e voaram no colo dos pais. O encontro virou uma festa, com muitos beijos e abraços. (BRASIL, 2020b, p. 13)

Depois, os pais encontraram o ouro e se admiraram. No outro dia, por fim, as crianças contaram aos pais os acontecimentos.

Na manhã seguinte, João e Maria contaram aos pais, em detalhes, tudo o que aconteceu: o miolo de pão, os passarinhos, a bruxa, a fuga e o tesouro. (BRASIL, 2020b, p. 14)

2.4 AS ILUSTRAÇÕES

Como mencionado, o livro aqui em análise apresenta ilustrações que ocupam a totalidade das páginas em que o conto é apresentado. Essas ilustrações apresentam cores vibrantes, com bastante destaque para o verde, que representa a floresta.

As ilustrações apresentam traços simples, que visam à objetividade da representação, sem trabalho sugestivo ou criativo, que extrapole a simples narração, por imagens, do texto verbal. Nesse sentido, pode-se entender se trata de ilustrações “justapostas” ao texto verbal, com papel meramente de retratar, em texto visual, aquilo que é narrado em texto verbal.

Sobre essa característica da ilustração, pode-se afirmar que *João e Maria* do Programa *Contra Pra Mim* compreende um “livro com ilustrações”, ou seja, “[...] texto acompanhado de

ilustrações. O texto é especialmente predominante e autônomo do ponto de vista do sentido. O leitor penetra na história por meio do texto, o qual sustenta a narrativa.” (LINDEN, 2018, p.24).

Esse aspecto pode ser observado, por exemplo, na seguinte passagem: quando João e Maria encontram a casa de doces, o texto verbal explicita que se tratava de uma casa toda feita de biscoitos, bolos e pão de ló, de modo que os irmãos comeram partes da casa. A ilustração dessa passagem representa João e Maria sentados, comendo pedaço de bolo, encostados na casa, que indica ter algumas de suas partes retiradas.

Figura 5 - Ilustração de João e Maria, Programa Conta Pra mim

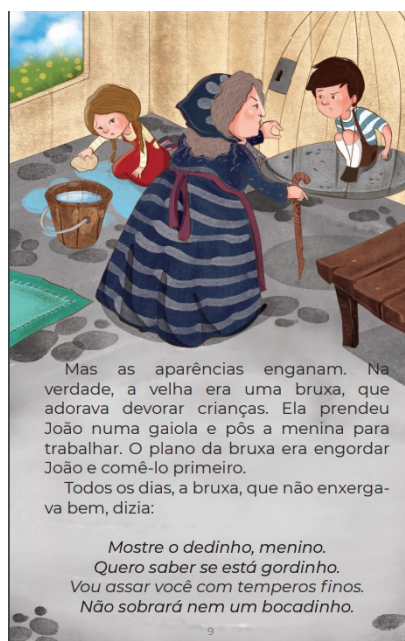


Fonte: Coleção *Conta Pra Mim* (BRASIL, 2020b)

Ainda com relação às ilustrações, cumpre destacar que ela representa apenas personagens fenotipicamente brancas, com tom de pele rosada e cabelos lisos louros ou castanhos.

Apenas a bruxa indica ter cabelo grisalho, com traço que sugere cabelo ondulado ou cacheado.

Figura 6 - Ilustração da Bruxa - João e Maria, Programa Conta Pra mim



Fonte: Coleção *Conta Pra Mim* (BRASIL, 2020b)

2.5 AS ORIENTAÇÕES DE LITERACIA FAMILIAR

Ao término do conto, na penúltima página do livro, constam orientações sobre a leitura dialogada do livro.

Essa leitura dialogada é definida como: “Conversa entre adultos e crianças antes, durante e depois da leitura em voz alta” (BRASIL, 2020b, s.p.).

Indica-se que esse tipo de prática tem como benefícios: “Fortalecer os laços afetivos entre pais e filhos” e “Contribuir para a alfabetização e reforçar a aprendizagem escolar das crianças” (BRASIL, 2020b, s.p.).

Para se “praticar” a literacia familiar, orienta-se no livro escolher um momento tranquilo para realizar a leitura dialogada. Essa leitura deve ser com voz, em tom carinhoso, com pronúncia adequada. Deve-se deslizar o dedo pelas palavras conforme elas são lidas e as ilustrações devem ser nomeadas, para que as crianças possam apreciá-las. Orienta-se também sobre a valorizar dos comentários das crianças, de forma a explorar outros aspectos da história.

Por fim, sugere-se sempre que sair com os filhos, levar um livro para ler com eles.

Após essas orientações, na quarta-capa, padronizada para todos os livros do Programa, há a definição da Literacia Familiar em dez pontos, quais sejam:

1. Trata seu filho com muito amor e carinho.
 2. Converse com seu filho.
 3. Valorize e respeite o que seu filho tem a dizer.
 4. Leia em voz alta para seu filho.
 5. Conte histórias para seu filho.
 6. Dê livros de presente para seu filho.
 7. Leia e escreva diante de seu filho.
 8. Participe da vida escolar de seu filho.
 9. Elogie e encoraje seu filho.
 10. Tenha altas expectativas em relação ao seu filho.
- (BRASIL, 2020b, quarta-capa).

3. O CONTO “JOÃO E MARIA” NA VERSÃO DOS IRMÃOS GRIMM

A versão mais próxima do conto original João e Maria a que tive acesso é de autoria dos famosos escritores alemães: Wilhelm Grimm (1786-1859) e Jacob Grimm (1785-1863), popularmente conhecidos como Irmãos Grimm, que eram os dois irmãos mais velhos de uma família de nove filhos, dos quais três faleceram.

Ribeiro (2016, p. 85) afirma que “[...] por muito tempo na história da humanidade a única forma de se transmitir o conhecimento e as histórias de um povo era através da oralidade, proferida, principalmente, pelos mais velhos de cada comunidade”. É mais ou menos nesse contexto que viveram os irmãos Grimm, época na qual os intelectuais alemães valorizavam a cultura popular e a consideravam forma de assegurar o sentimento de união do povo. (RIBEIRO, 2016)

Assim, os irmãos Grimm, com o intuito de fortalecer a nação, passaram a coletar os contos e mitos populares e transformaram-nos em publicações e assim “preservaram na página impressa a poesia oracular da gente comum” (TATAR, 2004, p.356 apud RIBEIRO, 2016, p. 88).

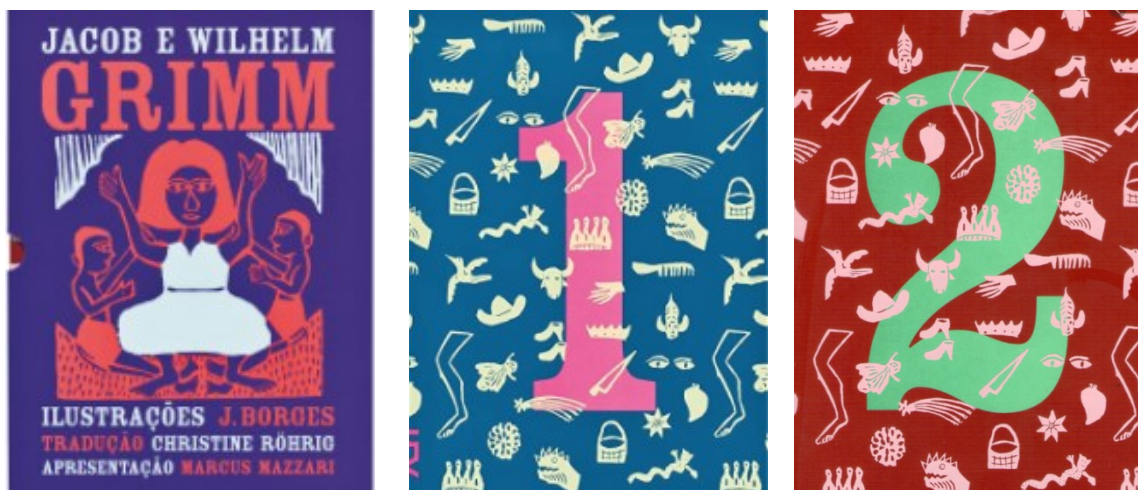
Os contos dos Grimm são, portanto, a publicação dos mitos e histórias contados pelos populares de sua época, sendo transmitidas de geração para geração como parte da cultura dos povos. Além disso, Rocha (2018) afirma que:

[...] com os contos dos Grimm, temos uma tradição que lida não apenas com a questão do nacionalismo, mas também, e principalmente, com o processo de socialização. Jacob e Wilhelm faziam parte da classe média emergente e escreviam, sobretudo, para as pessoas desse meio. A importância da obra dos irmãos está não apenas na sua colaboração para a construção e manutenção de um espírito nacional, mas também na forma como ela estabeleceu padrões de comportamento; os autores chegaram a considerar sua obra como um livro educacional. (ROCHA, 2018, p. 56)

A versão aqui analisada está publicada no livro *Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos (1812-1815)*, de Jacob e Wilhelm Grimm, traduzido para o português por Christine Röhrig, jornalista paulistana formada pela Universidade de São Paulo, filha de pai alemão e que cursou o currículo alemão do colégio Visconde de Porto Seguro.

Esse livro foi publicado pela editora Cosac Naify em 2012 e apresenta dois tomos.

Figura 1 – Capa do encarte e tomos - *Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos* (1812-1815)



Fonte: Acervo do NIPELL – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura

As ilustrações dessa edição são do gravurista pernambucano J. Borges que, segundo a editora, conseguiu captar o maravilhoso dos textos e as metamorfoses da história utilizando a técnica da xilogravura. Além disso, o livro traz também uma apresentação do professor doutor Marcus Mazzari e foram mantidos nele os prefácios escritos pelos Grimm e algumas notas de cunho histórico. (COSAC NAIFY, 2012)

O livro contém histórias reunidas pelos irmãos Grimm na primeira edição de *Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos* (1812-1815). A edição em questão foi lançada em comemoração ao bicentenário da primeira edição dos contos de Jacob e Wilhelm Grimm, com a tradução dos das 156 histórias originais dos irmãos.

3.1 “JOÃO E MARIA” POR JACOB E WILHELM GRIMM: O ENREDO

Narrado em terceira pessoa, por um narrador também heterodiegético, onisciente e onipresente e com discurso direto de alguns personagens, o conto tem os mesmos protagonistas: João e Maria, assim como a bruxa é a antagonista e o espaço é a floresta onde está a casa das crianças e a da bruxa. Esta versão apresenta, além da mãe das crianças, o pai como personagem.

A história de João e Maria é a décima quinta do tomo I e não traz ilustrações, sendo apresentada em seis páginas de texto corrido.

Essa história não inicia com “Era uma vez”, mas com a apresentação de uma personagem: um lenhador que vivia diante de uma grande floresta e não tinha nada para comer, além de passar muitos apuros para alimentar minimamente seus filhos e sua esposa.

O lenhador é o pai de João e de Maria e a história conta que num dia ele não conseguiu nada para alimentar seus filhos e não sabia o que fazer diante dessa situação. Então, sua mulher, mãe das crianças, sugeriu o seguinte: que ao amanhecer o dia, desse um pão às crianças, as levasse para o meio da floresta onde a mata estivesse mais espessa, acendesse ali uma fogueira e fosse embora, deixando-as lá, pois não tinham como alimentá-las.

Ouçá, marido, amanhã bem cedinho dê um pão às duas crianças e leve-as para o meio da floresta, onde a mata for mais espessa. Faça uma fogueira e vá embora deixando-as ali, porque não podemos mais alimentá-las" (GRIMM; GRIMM, 2012, p. 85)

O marido hesitou, não gostou da ideia de entregar seus filhos para que os animais comessem, mas a mulher retrucou dizendo que se não fosse feito, morreriam todos de fome, insistindo até que o homem concordasse.

As crianças, pela fome, estavam acordadas nesse momento e acabaram ouvindo todo o plano. E, enquanto a menina chorava preocupada, o menino a acalmou prometendo dar um jeito na situação e foi até o lado de fora da casa, enchendo os bolsos com pedrinhas. Pela manhã, a mãe acordou as crianças dizendo que iriam à floresta, deu a eles um pedaço de pão, aconselhando-os a guardar até o almoço.

No caminho, o pai reparou que o menino parava algumas vezes e olhava para trás e o questionou, João deu a desculpa de estar olhando para seu gatinho que estava no telhado, mas na verdade estava jogando as pedrinhas que levava em seu bolso no caminho que ia ficando para trás. No meio da floresta, reuniram madeira para fazerem uma fogueira e assim que a chama levantou, a mãe pediu que descansassem enquanto iam buscar lenha, dizendo que deviam esperar até que voltassem para buscá-los.

As crianças comeram o pão na hora do almoço e ficaram ali até o anoitecer, quando ninguém apareceu para levá-los de volta. A menina já chorava e o irmão disse que se acalmasse e esperasse até que a lua aparecesse, quanto esta apareceu, ele a pegou pela mão e seguiram o rastro da lua pelas pedras que o menino jogou pelo caminho, chegaram em casa já pela manhã.

E, quando a lua surgiu no céu, João pegou Maria pela mão e juntos seguiram o rastro luminoso das pedras, que pareciam moedas recém-forjadas, indicando o caminho. (GRIMM; GRIMM, 2012, p. 87)

O pai se alegrou ao ver os filhos, ao contrário da mãe que tentou disfarçar, mas não estava feliz. A história conta que não passou muito tempo para que faltasse alimento novamente e mais uma vez ouviram a uma conversa da mãe com o pai, na qual ela dizia que aceitou que tivessem voltado da primeira vez, mas que agora não tinham mais o que comer e era para ir ainda mais longe na floresta e deixar as crianças lá, o pai sentiu o coração apertar, mas cedeu. O menino decidiu seguir o mesmo plano, mas ao tentar pegar as pedrinhas do lado de fora,

percebeu que a porta estava trancada e mesmo assim consolou a irmã dizendo que Deus os ajudaria.

Na manhã seguinte, mais uma vez receberam um pedaço de pão, sendo este menor que o de antes. O menino foi despedaçando-o em seu bolso e jogando os pedaços pelo caminho. Quando questionado sobre tanto olhar para trás, dava a desculpa de estar olhando sua pombinha, até que chegaram em um lugar ainda mais fundo na floresta, onde nunca haviam estado anteriormente e foram orientados como na vez anterior: que descansassem e esperassem serem buscados.

No almoço, Maria dividiu o pão com o irmão, já que ele havia jogado o seu pelo caminho. Ao anoitecer, ninguém foi resgatá-los. João disse a irmã que esperasse a lua aparecer para que seguissem o rastro das migalhas. Quando isso aconteceu, puderam perceber que não havia rastro nenhum, pois a floresta era habitada por muitos pássaros e eles comeram todo o pão.

A lua surgiu, mas quando eles procuraram pelas migalhas elas tinham desaparecido, porque tinham sido comidas pelos milhares de pássaros que habitavam a floresta. (GRIMM; GRIMM, 2012, p. 88)

Mesmo diante da situação, João pensou que encontraria o caminho de casa e tentou guiar a irmã até lá, mas acabaram se perdendo na floresta e adormeceram muito cansados depois de terem andado por uma noite e um dia inteiro. Em seguida, andaram mais um dia sem sucesso em sair da floresta. Além disso, estavam com muita fome por não terem nada para comer, apenas umas poucas amoras silvestres que encontravam pelo chão.

Foi no terceiro dia que, após andarem até o meio-dia, encontraram uma casinha toda feita de pão, coberta com bolo e com janelas de açúcar. João logo sugeriu que parassem para comer ali e enquanto comiam as partes da casa, ouviram uma voz lá de dentro que questionava, na forma de um poema, quem comia sua casinha.

As crianças se assustaram tanto que até derrubaram o que tinham nas mãos e logo em seguida viram uma velhinha saindo da casa, balançando a cabeça, cumprimentando-os e depois fazendo um convite para que entrassem pudessem comer bem. A velha pegou as crianças pelas mãos, dentro da casa, deu a eles boa comida, leite, panquecas, maçãs e nozes, depois preparou duas caminhas nas quais as crianças deitaram.

No entanto, a história revela que a velha era na verdade uma bruxa má que tinha aquela casinha justamente para atrair crianças, esperando capturar, matar, cozinhar e comê-las. Por isso, a bruxa estava muito feliz por terem aparecido João e Maria.

Ao amanhecer o dia, a bruxa os olhou em suas caminhas e prendeu João num pequeno engradado, depois acordou Maria com boas sacudidas, dizendo que levantasse para apanhar água e cozinhar algo para o irmão preso no galinheiro, pois queria engordá-lo para poder comê-lo quando estivesse bem gordo.

Mas a velha era uma bruxa má que armava emboscadas para crianças e havia construído aquela casinha de pão apenas para atraí-las. Quando capturava uma, matava-a, cozinhava e a comia como se fosse em dia de festa. Ela ficou muito feliz quando João e Maria apareceram. (GRIMM; GRIMM, 2012, p.89)

A menina chorou, mas não tinha escolha senão obedecer e assim todos os dias João era muito bem alimentado e ela recebia apenas as cascas e dia após dia a velha ia até o menino e pedia que espichasse o dedo para que pudesse saber se estava engordando bem, ele, porém estendia um ossinho de galinha, fazendo-a acreditar que ainda estava muito magro.

Depois de quatro semanas, a bruxa disse a Maria numa noite que trouxesse água, pois mataria João no dia seguinte, estando gordo ou não. Enquanto isso, ela prepararia uma massa para assar também depois. A menina cumpriu a ordem com um aperto no coração e na manhã seguinte levantou, acendeu o fogo e pendurou o caldeirão com a água, logo em seguida a bruxa orientou Maria a prestar atenção quando fervesse a água, pois enquanto isso, acenderia o forno para assar o pão.

A menina chorou parada no meio da cozinha e pediu a Deus que os salvesse. Então, a velha a chamou para junto ao forno, para que olhasse dentro e visse se o pão já estava moreninho e assado, pois tinha olhos fracos e não conseguiria ver tão.

Então a velha chamou Maria: "Maria, venha cá junto ao forno". Quando Maria se aproximou, ela disse: "Olhe lá dentro e veja se o pão já está moreninho e assado, meus olhos são fracos, não consigo enxergar tão longe, e se você também não conseguir, sente-se na tábua que eu empurro você para ver lá dentro de perto". (GRIMM; GRIMM, 2012, p. 90)

No entanto, a real intenção da bruxa era que quando a menina entrasse para olhar ela a trancasse lá dentro para assar e comer também. Mas, segundo a narração, Deus inspirou a menina que disse não saber bem como fazer, pedindo que a velha fizesse primeiro para demonstrar e assim a bruxa sentou-se na tábua e, por ser bem leve, a menina a empurrou bem longe e em seguida fechou o forno e travou a porta.

A velha começou a gritar dentro do forno quente, mas a menina saiu correndo deixando que ela morresse queimada. Com isso, ela libertou o irmão e os dois se abraçaram e se beijaram comemorando. A casa da bruxa estava cheia de pedras preciosas e pérolas, das quais ambos encheram os bolsos e, encontrando o caminho de volta para casa, retornaram.

A casa estava repleta de pedras preciosas e de pérolas e as crianças encheram os bolsos e encontraram o caminho de volta para casa. (GRIMM; GRIMM, 2012, p. 90)

A história é finalizada contando que o pai ficou muito feliz ao revê-los, pois desde que haviam partido não havia tido um dia sequer de alegria, sendo agora um homem rico. Sobre a mãe, consta apenas que ela havia morrido.

3.2 JOÃO E MARIA ENTRE AS DUAS VERSÕES: ALGUNS SENTIDOS

Além das diferenças estruturais, há diferenças de enredo entre a versão da história publicada pelo Programa *Conta Pra Mim* e a versão original, escrita pelos alemães Jacob e Wilhelm Grimm.

A primeira diferença é o motivo pelo qual as crianças vão à floresta, enquanto na versão original a mãe decide abandonar as crianças, a versão publicada pelo programa do Ministério da Educação diz que as crianças vão passear e recebem as pedras da mãe para marcar o caminho.

Ademais, na adaptação do Programa, há o apagamento de conflitos importantes, como o fato de serem miseráveis/pobres, conforme consta no conto original. Esse aspecto é o que leva a mãe a sugerir que eles fossem abandonados, a fim evitar que a família toda morresse de fome. No entanto, na versão adaptada, esse conflito é excluído, tirando do enredo, se comparado ao original, um aspecto fundamental que envolve o abandono e condição miserável da família camponesa.

Esse aspecto por si já denota um tipo de visão sobre a leitura literária e a formação de leitores pelo Programa. Ao excluir do enredo aspectos centrais como esse, a versão adaptada do *Conta pra mim* evidencia uma concepção de criança a ser preservada no sentido quase que de higienização das representações simbólicas que se dá a ler por meio do texto literário. Subentende-se que pelo fato de a questão da miséria e do abandono serem temas polêmicos e dolorosos, eles são excluídos, numa ideia de evitar que a criança tome contato com esses temas, apenas ofertando temas brandos, simplistas e em nada conflituosos. Ou seja, uma concepção de criança que deve ser ultraprotégida e blindada com relação à realidade social e a debates que envolvem complexidades da vida, numa visão do “politicamente correto”.

Outro aspecto a ser observado entre as duas edições é a falta de detalhes na versão adaptada, que acaba gerando incoerências narrativas. Por exemplo, quando as crianças ouvem uma voz estranha no momento em que comem os doces, não há nenhuma menção de quem é a

voz e a frase seguinte já menciona a velha como se ela já tivesse sido apresentada em algum momento anterior.

Outro exemplo é o fato de as crianças se perderem na floresta porque o pássaro comeu o miolo do pão, por isso chegaram à casa da bruxa. Porém, depois que fogem de lá, num “passe de mágica”, eles acham o caminho de volta, de forma simples.

Além disso, no conto original, são mencionados o pai e mãe das crianças, já na versão adaptada, apenas a mãe é mencionada inicialmente, porém, no final da história, quando as crianças chegam em casa, o pai os espera junto a mãe.

No que diz respeito à questão moral-cristã, a versão dos Grimm chega a mencionar que Maria pediu ajuda a Deus, porém, esse aspecto é mais forte na versão adaptada, que mantém um tom religioso cristão quando, por exemplo, a mãe deseja “Vá com Deus” ou quando as crianças retornam e os pais “Estavam rezando”. Porém, diante de todas as mudanças feitas na adaptação, inclusive com apagamento de vários fatos, é questionável o tom religioso ser mantido, considerando que essa versão é parte de um programa do governo, diferentemente da versão original, que dialoga com um contexto de época e com uma tradição oral alemã.

Nesse sentido, a versão adaptada parece querer reforçar, além de uma visão preservacionista da criança, como se fosse possível blindá-la da realidade social ou de temas complexos e polêmicos, uma ideia de formação leitora que enfatiza uma visão de cunho moral religioso.

Ao se considerar que o programa se volta à proposta de literacia familiar como algo acessível a todas as crianças, de qualquer classe ou condição sócio-econômica, identifica-se na análise da versão adaptada de “João e Maria” uma visão centrada em crianças de classe média, de uma realidade que em nada condiz com o contexto da maioria das crianças em fase de escolarização do país. Isso se dá pelo fato de as instruções do programa, no seu guia, nem considerar outras variáveis em termos de formação familiar, reforçando um modelo de família, primeiro, letrada (que sabe ler e escrever e, por isso, promove a literacia familiar), segundo que se centra na figura de pai e mãe. Desconsidera-se que grande parte das famílias de baixa renda ou que vivem na linha ou abaixo da linha da pobreza sequer podem acessar os materiais via internet. Desconsidera-se que grande parte das famílias brasileiras apresenta competência leitora e escritora muito abaixo do necessário ou esperado. E desconsidera-se o índice de analfabetos no país muitos deles figuras centrais nas formações familiares e que, pela lógica do programa, deveriam promover a literacia familiar.

Cumprir destacar também que a versão original do conto é rica em detalhes ou pelo menos deixa os acontecimentos esclarecidos, com informações coerentes. A versão adaptada

acaba com muitos pontos sem explicação, passando a sensação de que o objetivo do programa é ler um texto qualquer, sem necessariamente prezar pela qualidade do que se lê.

Outro exemplo de diferença no enredo pode ser percebido no momento em que as crianças pegam o tesouro.

A casa estava repleta de pedras preciosas e de pérolas e as crianças encheram os bolsos e encontraram o caminho de volta para casa. (GRIMM; GRIMM, 2012, p.90)

Estavam saindo da casa, quando viram um enorme baú e encontraram um tesouro! Encheram dois sacos com moedas de ouro e com pedras preciosas e correram floresta adentro. (BRASIL, 2019, p. 12)

A tradução da versão dos Grimm traz a explicação em menos palavras, mas com coerência. Já a versão adaptada traz as informações mais confusas, pois ao dizer que eles encontraram o baú no momento em que saíam da casa gera um descompasso narrativo, sem muita clareza que permite compreender o episódio narrado.

Como apontei na introdução deste trabalho, o conto “João e Maria” e outros foram objeto de críticas pelas mudanças feitas nas adaptações, de modo a retirar cenas de beijo, morte ou situações que se considera complexas para uma criança. Em face disso, o Ministério da Educação manifestou-se sobre a questão, defendendo a livre adaptação dos contos:

A maioria dos títulos decorre de adaptações de obras em domínio público. É um erro imputar aos irmãos Grimm a originalidade dos contos. O que esses autores fizeram foi conceber versões de narrativas da tradição do povo alemão. O caráter de domínio público faz com que essa seja uma prática salutar, já conduzida, em outros países, por ícones literários como Ítalo Calvino. O grande escritor defendia a adaptação feita sobre as versões dos irmãos Grimm, dada a violência que as caracterizava”. (GAZETA DO POVO, 2020)

Ilona Becskehazy (2020), ex-secretária de Educação Básica do Ministério da Educação, afirma nessa nota que a prioridade do programa é qualificar o processo de alfabetização, considerando o grande índice de analfabetos no país, mesmo escolarizados, e não alinhar as histórias com as versões mais conhecidas das fábulas que, de qualquer forma, são recontos da tradição oral. A ex-secretária afirmou o seguinte em uma rede social: “Me poupem. A prioridade é essa e não um suposto alinhamento (que existe) com as versões mais conhecidas dessas fábulas, por que, como quem entende sabe, fábulas são reconto de tradição oral.” (TERÇA LIVRE, 2020, s.p.).

Esse aspecto já denota uma total preocupação com a questão da formação de leitores do texto literário, denotando a fragilidade da proposta de literacia familiar e um desalinhamento com perspectivas mais contemporâneas de promoção da leitura da literatura.

Ainda que o propósito seja contribuir para o processo de alfabetização, a “livre adaptação” feita no âmbito do programa desconsidera elementos essenciais da tradição em que esse conto se insere, evidenciando a rigorosidade científica e estético-literária. Como explica Rocha (2018):

[...] é importante mencionar que como as histórias derivam da tradição oral, elas tendem a mudar conforme são contadas. Um dos motivos para tal mudança, como sugere Boyd (2009), está relacionado ao caráter performático da contação de histórias, que está, por sua vez, ligado à improvisação teatral. Além disso, detalhes podem ser esquecidos com o passar do tempo; pode-se querer adicionar um ponto e outro a fim de chamar a atenção para determinado aspecto da narrativa; algumas mudanças podem ocorrer a fim de melhor contemplar as intenções daquele que conta a história; dentre outras — ou seja, algumas mudanças podem ocorrer para servir aos interesses do narrador. (ROCHA, 2018, p. 55)

Ao comparar as versões, portanto, não podemos desconsiderar o objetivo com o qual foram lançadas. A versão do Programa *Conta pra mim* foi lançada a fim de compor uma proposta que busca promover a Literacia Familiar e é voltado principalmente às famílias em situação de vulnerabilidade social, considerando ainda a possibilidade de os adultos dessas famílias não dominarem a leitura, mas ainda assim, iniciarem o hábito junto às crianças. (BRASIL, 2019c). Porém, o formato do programa e as características da adaptação demonstram uma total desvinculação com esse tipo de família. Além disso, centra-se numa ideia de literatura composta apenas de situações felizes e amenas, como forma de ofertar à criança apenas representações positivas e boas.

A versão dos irmãos Grimm, porém, faz parte da tradição oral, recuperada em formato de Conto de Fadas na Alemanha. Como explica Rocha (2018), os próprios autores fizeram mudanças e adaptações dos contos, a fim de atender as necessidades do contexto.

Contudo, a fim de que seus contos fossem considerados adequados para as crianças da burguesia, foi preciso que eles passassem por diversas alterações. Nesse sentido, pode-se notar um tom muito mais leve no conto “Little Red Cap” dos Grimm, do que no de Perrault. Esse tom mais leve pode ser notado, também, entre as diferentes versões dos contos dos Grimm em suas diferentes edições. (ROCHA, 2018)

As adaptações, portanto, não são uma novidade. No entanto, as mudanças operadas em “João e Maria” chamam muito a atenção, pois geraram mudanças significativas no conto. A intencionalidade dessas mudanças é também visível na afirmação constante da nota do MEC, em que se afirma: “O grande escritor defendia a adaptação feita sobre as versões dos irmãos Grimm, dada a violência que as caracterizava”, (GAZETA DO POVO, 2020). Ou seja, de fato o movimento não se configurou como ingênuo, mas teve como propósito suavizar o texto, porém, o sentido dessa suavização é que se faz importante não desconsiderar, como apontado aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse Trabalho de Conclusão de Curso tive como objetivo contribuir para o debate sobre formação de leitores, de modo a compreender o processo de adaptação do conto “João e Maria” no âmbito do Programa *Conta pra mim*, vinculado à Política Nacional de Alfabetização, do Ministério da Educação.

Para isso, retomei aspectos centrais dessa Política, bem como a sua defesa pela literacia familiar como um dos pilares do desenvolvimento de prática alfabetizadores que auxiliam a escola. Com isso, evidenciou-se importante aspectos da PNA, de modo a problematizar a deslegitimação de outras vertentes teórico-conceituais voltadas ao ensino inicial da leitura e da escrita.

A partir do estudo da PNA, foi possível um aprofundamento sobre a proposta de literacia familiar no âmbito do Programa *Conta pra mim*, a fim de explicitar as práticas sugeridas no programa, bem como os materiais por ele disponibilizado.

Esse estudo de natureza documental possibilitou a análise de alguns dos aspectos constitutivos da configuração textual do conto “João e Maria” na sua versão adaptada para o *Conta pra mim*. Dessa análise, também realizei problematizei alguns dos aspectos da configuração textual da versão original desse conto, de modo a estabelecer uma análise comparativa entre eles.

Embora se trata de um estudo em nível de graduação, acarretado por todos os limites imposto pelo tempo que vivemos decorrente da Pandemia de Covid-19, entendo que o trabalho aqui apresentado demonstra o esforço de compreensão dos sentidos associados a uma política pública de formação de leitores, de modo a identificar suas lacunas, contradições e tensões.

Embora singelo, esse TCC também é fruto das minhas reflexões sobre o papel do texto literário na formação de crianças, que com toda certeza acompanharão minha atuação profissional como pedagoga.

REFERÊNCIAS

Abaixo-assinado pede que MEC suspenda clássicos infantis com histórias modificadas, [S. l.], 20 de outubro de 2020. G1. Educação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/10/20/abaixo-assinado-pede-que-mec-suspenda-classicos-infantis-com-historias-modificadas.ghtml>>. Acesso em: dez/2020

ALVES, Rayla. MEC adapta contos de fadas por conterem mensagens inadequadas para crianças. **Terça Livre**, [S. l.], 21 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://tercalivre.com.br/abaixo-assinado-pede-suspensao-de-livros-que-mec-lancou-para-apoiar-a-alfabetizacao/>>. Acesso em: dez/2020.

BRASIL. Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019a. Institui a Política Nacional de Alfabetização. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9765.htm>. Acesso em: nov/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. KLEIMAN, Angela B. Preciso ensinar o letramento?: Não basta ensinar a ler e escrever?. **Linguagem e Letramento em Foco**, [s. l.], 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Conta Pra Mim**. In: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, 2019e. Disponível em: <<http://alfabetizacao.mec.gov.br/conta-pra-mim>>. Acesso em: nov/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Conta pra Mim: Guia de Literacia Familiar**. - Brasília: MEC, SEALF, 2019c. ISBN 978-65-81002-01-5

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. – Brasília: MEC, SEALF, 2019b. 54 p. ISBN 978-65-81002-00-8

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **Tempo de Aprender**. In: Política Nacional de Alfabetização. Brasília, 2019d. Disponível em: <<http://alfabetizacao.mec.gov.br/tempo-de-aprender>>. Acesso em: fev/2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. MONT'ALVERNEE, Rosana. **Coleção Conta Pra Mim: João e Maria**. Ilustração: Vanessa Alexandre. 1. ed. Brasília: Cora, 2020b. 16 p. ISBN 978-65-87026-81-7.

BRASIL. Portaria nº 421, de 23 de abril de 2020a. Institui o Conta pra Mim, programa de literacia familiar do Governo Federal. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-421-de-23-de-abril-de-2020-253758595>>. Acesso em: nov/2020.

CLUBE LEITURA. Consultores Literários do Clube Leitura: CONSULTORES LITERÁRIOS DO CLUBE LEITURA. In: **Clube Leitura**. [S. l.], 20--?. Disponível em: <https://www.clubeleitura.com.br/consultor/rosana-montalverne/>. Acesso em: 8 dez. 2020.

DUNA DUETO. Autores e Ilustradores: Vanessa Alexandre. In: **Editora Duna Duetto**. [S. l.], 20--?. Disponível em: <http://www.dunaduetto.com.br/website/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=94&Itemid=160>. Acesso em: 8 dez. 2020.

DUNDER, Karla. Saiba quem é Carlos Nadalim cotado para assumir o MEC como interino. In: **Notícias R7: Educação**. [S. l.], 18 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/saiba-quem-e-carlos-nadalim-cotado-para-assumir-o-mec-como-interino-18062020>. Acesso em: 23 fev. 2021.

JOÃO e Maria. In: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos Maravilhosos Infantis e Domésticos**. Ilustração: J. Borges; Tradução: Christine Röhrig. [S. l.]: Cosac Naify, 2012. cap. 15, p. 85-90.

MEC lança a Coleção Conta pra Mim. Governo Federal, Brasília, 27 de agosto de 2020. Ministério da Educação. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-a-colecao-counta-para-mim>>. Acesso em: nov/2020.

PERA, Guilherme. Educação Básica: MEC lança caderno da Política Nacional de Alfabetização. In: **Portal MEC**. Brasília, 15 ago. 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/211-noticias/218175739/79101-mec-lanca-caderno-da-politica-nacional-de-alfabetizacao>. Acesso em: 16 fev. 2021.

RIBEIRO, Esdras do Nascimento. **Os Contos Dos Irmãos Grimm E O Ensino De Literatura Na Turma Do 7º Ano Do Ensino Fundamental**. Orientador: Professor Dr. Elri Bandeira de Sousa. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2016.

ROCHA, Fabian Quevedo da. **Moral da História: um estudo comparativo da série Grimm e dos contos que a inspiraram**. In: Andrei dos Santos cunha; Cinara Ferreira; Gerson Roberto Neumann; Rita Lenira de Freitas Bittencourt. (Org.). *Ilhas Literárias: estudos de transárea*. 1ed. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras, 2018, v. 1, p. 53-60.

SESTREM, Gabriel Rodrigo. MEC faz adaptações em contos infantis clássicos. Isso é errado? Entenda. **Gazeta do Povo**, [S. l.], 23 de outubro de 2020. Vida e Cidadania. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/mec-adaptacao-contos-infantis-entenda/>>. Acesso em: dez/2020.